

Guerras Culturais ou Luta de Classes? A face atual do anticomunismo

Carla Luciana Silva¹

O grande legado da URSS foi a experiência da revolução da classe trabalhadora. Por outro lado, acirrou-se a disseminação de distintas formas de anticomunismo. Tornando-se o programa comunista hegemônico na esquerda como meio de derrubar o poder burguês, e sendo a URSS a principal referência desse projeto mundial, os discursos antipopulares e contra a autonomia da classe trabalhadora, estariam organizados em torno da ojeriza ao “comunismo”, sem especificações históricas.

O discurso anticomunista se construiria em torno de lendas, imaginações, fantasias que permitem dar sentido a profundas formas de medo: medo do inimigo desconhecido e a criação de um inimigo contra quem expressar medo. Bastaria referirmos o livro de Georges Lefebvre, *O grande medo de 1789*, sobre o contexto pré-Revolução Francesa para visualizar a facilidade de uma sociedade sentir medo:

As “pessoas honestas” podiam ter responsabilidade no caso porque, temendo a chegada de um regime democrático (...) propagandeavam [o medo] para persuadir a província de ameaça de saque e pilhagem que pairava sobre a mesma. Foi então suficiente que uma velha mulher se inquietasse para que todos corressem à caça do salteador.

(...) encontramos na origem dos pânicos a ideia de que um partido ou uma classe social ameaçava a vida e os bens da nação, por vezes com ajuda estrangeira. É esse temor universal, e por toda a parte idêntico, que dá aos alarmes locais, cuja ocasião e importância são variáveis, seu valor emotivo e força de expansão².

As “pessoas honestas” (“homens de bem”?) se sentiam ameaçadas por boatos e a partir dali estavam de ouvidos abertos para agirem contra os possíveis invasores...

O mundo ocidental

Certamente que no mundo ocidental o peso das construções ideológicas da Igreja Católica em torno do medo e da culpa contribuíram sobremaneira para a ampla aceitação social do anticomunismo. Mas o amálgama anticomunista não fica restrito ao catolicismo, já que se constitui em torno de uma formação discursiva moral. Poderá, de acordo com a correlação de forças do momento, apelar mais ou menos para a religiosidade.

A tese atual, da “guerra cultural” expressa pela “nova direita” se apegua justamente no ataque a essa “sociedade ocidental”. Com o fim da Guerra Fria e a propalada vitória do “pensamento único”, desde o final dos anos 1980, difunde-se

¹ Professora Associada do Curso de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. carlalusi@gmail.com.

² LEFEBVRE, George. *O grande medo de 1789*. Rio de Janeiro: Campus, 1979, p. 64.

uma ampla vitória do capitalismo. E, ao mesmo tempo, passa-se, no discurso da direita da “guerra cultural” a atacar a “sociedade ocidental”, naquilo que poderia ser descartado: o humanismo, a moral, o social, etc. Desconsidera-se aí o que ironicamente pontua Eagleton: “*A cultura ocidental é potencialmente universal, o que significa que ela não opõe seus próprios valores aos dos outros, apenas faz lembrar a eles que os valores dela são, fundamentalmente, deles também*”.³

Essa “natureza” da humanidade que seria sintetizada na cultura ocidental serviria para legitimar guerras reais, imperialistas e impositoras efetivas do domínio das nações centrais do capitalismo como produtoras de cultura “universal”. Mas, ganha a guerra contra o comunismo, se trataria de reduzir os valores da civilização.

O capitalismo como natureza

Os termos “guerra cultural” e “marxismo cultural” vem sendo usados de forma repetitiva por grupos de direita que manipulam dados na Internet. Já sabemos de longa data que a direita tem dificuldade de sustentar clara e abertamente suas ideias e assumir que o liberalismo é uma filosofia diretamente relacionada ao desenvolvimento *ad eternum* do capitalismo. Em seus momentos de forte euforia podemos ler, por exemplo, o historiador conservador Paul Johnson dizendo que capitalismo é uma palavra que não deveria ser inventada, pois seria a fase máxima da humanidade. Qualquer apropriação da obra de Lenin não parece ser coincidência. O imperialismo é a face superior do capitalismo. Na voz da direita, o capitalismo é a face superior da humanidade, “a humanidade tem capitalismo no sangue”, foi a manchete de um dos textos de análise no milênio que findava e buscava criar expectativas de futuro.⁴ Assim como o fascismo, o autor busca se fundar em memórias, produzindo relatos sobre a história como se fossem já apropriações do mesmo, deixando de lado a preocupação de compreender de fato a história.

De acordo com esta fala, “*O capitalismo acontece naturalmente, sem necessidade da ajuda dos governos*”. É um processo orgânico, natural, auto-reprodutivo. Não fez parte de nenhum tipo de planejamento e acúmulo de forças. É como se este fosse “descoberto”, estivesse guardado na natureza esperando seus descobridores: “*O capitalismo deu certo porque combina com a índole da humanidade*”. A suposta naturalidade fica explícita:

É uma pena que se se tenha cunhado a palavra ‘capitalismo’, porque ela é enganadora. O capitalismo não é um sistema sonhado por filósofos, políticos ou economistas e depois posto em prática por decisão de governos. Trata-se de um evento natural, uma peça orgânica no progresso humano.⁵

³ EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. São Paulo: EdUNESP, 2005, p. 108.

⁴ JOHNSON, Paul. A humanidade tem capitalismo no sangue. *Veja*, Editora Abril, Edição 1.681. 27 de dezembro de 2000.

⁵ Idem.

Esta é uma forma mais sutil de declarar a “vitória do capitalismo” ou o “fim da história”, já que não entra em questão sobre uma forma alternativa, contribuindo para a perda da possibilidade histórica do comunismo. Assim se reproduz esse discurso de direita, vitorioso. O economista Steven Horwitz pergunta: “*vale a pena manter o termo capitalismo?*”, alegando que o termo foi “*cunhado pelos adversários socialistas*”, e estaria ceifado de ideologia. Para ele, o correto seria “regime de liberdade”⁶.

No momento histórico em que se construiu a “morte do comunismo” emerge um pensamento conservador que cresceria junto com a reestruturação produtiva e das transformações do modo de acumulação dos anos 1980. Ideologicamente, no discurso liberal, o capitalismo deixa de ser resultado de relações sociais permeadas por conflitos e contradições para se tornar assim uma fé, inabalável fé. Este foi o sentido geral das produções ideológicas dos anos 1990, construindo as mortes do comunismo e a vitória inquestionável do capitalismo que no discurso deixava de ser um projeto social e passava a ser um progresso orgânico. A noção de vitória vem acompanhada da percepção da necessidade de aprofundar a exploração capitalista. Transformar isso em uma ideologia universalizada junto à classe trabalhadora passava a ser o grande objetivo.

Os conservadores anos 1980

Os anos 1980 trouxeram o avanço do pensamento conservador a partir do centro produtor de consensos do capitalismo, ou seja, dos Estados Unidos, centro da produção cultural massificada. O problema batizado por James Hunter como Guerra Cultural aponta uma ruptura com os padrões considerados “europeus” de cultura; em oposição estaria a “americanização da sociedade”.⁷ Este avanço conservador, conhecido pela escalada de Reagan ao poder já foi demonstrado por vários autores. Destaca-se a obra de Douglas Kellner que mostra como o cinema estadunidense ajudou nesse processo. A figura de Rambo, um ex-combatente do Vietnã sendo rejeitado em sua pequena cidade fez o ocidente rever suas posições sobre Woodstock e o discurso de “paz e amor”. Foi preciso chorar o choro de *Rambo* para criar as condições de avançar nas novas produções culturais que recolocam o poderio das forças armadas estadunidenses. *Top Gun*, *Ases indomáveis* faria esse papel.⁸

Como um rescaldo das ideias libertárias dos anos 1960, a direita se reorganiza de forma sistemática, incisiva e insistente desde esse período, buscando promover uma reforma moral e intelectual. Esse conservadorismo está muito vinculado ao pensamento conservador religioso. Perceba-se que nos anos 1960/70 existiram fortes movimentos na América Latina de resistência cultural. Os anos 1990 buscaram destruir e por fim a tudo que classificaram pejorativamente como “anti-EUA”. Não por acaso essa questão seria fortemente retomada nos episódios de 11 de

⁶ Vale a pena manter o termo capitalismo? Instituto Ordem Livre, 19/12/2003/ <http://ordemlivre.org/posts/vale-a-pena-manter-o-termo-capitalismo>

⁷ COELHO, Teixeira. *Guerras culturais*. São Paulo: Iluminuras, 2000.

⁸ Desenvolvido por KELLNER, Douglas em *Culturas da Mídia*. Bauru, EDUSC, 2001.

setembro onde, ferido o império, nada podia ser dito contra ele, já que se tratava de “vítimas merecedoras” de atenção.⁹

Em 1989 foi publicado no Brasil um livro organizado por Agustín Cueva que enunciava os “Tempos conservadores”, indicando que esse problema estava sendo colocado ao mesmo tempo em que se construiria a falácia do capitalismo-natural-vitório. Portanto, ao mesmo tempo em que o capitalismo ganha uma importante batalha no campo da hegemonia, ele avança no campo das ideias e das formas de consenso sobre a concepção moral do mundo. Vitorioso no campo econômico; vacilante no campo político, já que a democracia é um recurso perigoso; criaria bases para apagar as concepções de mundo progressistas que de alguma maneira podiam ser fruto de experiências progressistas ao longo do século XX.

Os limites desse inimigo parecem não ter fim: comunistas, progressistas, socialistas, até mesmo humanistas vão ser diabolizados nesse espectro dos novos inimigos que se criam nessa nova moral de mundo. Cueva foi direto ao ponto:

Em resumo, dois mil anos de ‘cizânia’ que é necessário extirpar. Há que se apagar a história do cristianismo por proclamar que todos os homens são iguais em essência e diante de Deus; a da Revolução Francesa por postular a igualdade junto com a liberdade e a fraternidade; a do marxismo por chegar ao extremo de buscar a realização da igualdade no terreno material.¹⁰

Plano audacioso, e que pouca credibilidade recebeu da esquerda. Quem nele acreditou foi avançando pelas margens enquanto as esquerdas falavam entre si como se seu discurso fosse auto-explicativo para a classe trabalhadora. Um dos objetivos expressos desse projeto de avanço da nova direita era esse, a esquerda perder “*entre a intelligentsia sua função de ideologia dominante*”¹¹. Cueva lembra que esse processo se dá paralelo ao eurocomunismo:

O que é paradoxal é que essa fobia anticomunista se desencadeia em um momento em que os comunistas europeus, regra geral, estão em plena retirada, desde que política e ideologicamente se deslocaram para o ‘centro’, quer dizer, para posições muito próximas da socialdemocracia. (...) O resultado, contudo, é sempre o mesmo: a denominada ‘via democrática para o socialismo’ acaba se convertendo em um elegante enterro não só da ideia de revolução, mas também dos próprios partidos que renunciaram a ela.¹²

Este lance é decisivo para compreender as condições para ressonância de ideias anticomunistas, já que o novo discurso, dos ex-comunistas, estará em uma corda bamba entre o abandono de um projeto e o novo que não se sabe o que seria.

⁹ CHOMSKY, Noam & HERMAN, Edward. *A manipulação do público*. São Paulo: Futura, 2003.

¹⁰ CUEVA, Augustin. (Org) *Tempos conservadores*. São Paulo: Hucitec, 1989. p. 28.

¹¹ Idem, p. 27

¹² Idem, p. 31.

Este novo vai se criando com distorções importantes no campo comportamental. Cueva sintetiza:

A conclusão que inequivocamente se impõe é a de um profundo movimento de todo o espectro político, ideológico e cultural do Ocidente para a direita: eis o grande triunfo da burguesia imperialista. Pouco importa o nome que dermos a este processo regressivo (neodireitização, neoconservadorismo, neoliberalismo, revalorização da democracia, etc).

De forma geral, esse quadro foi esquecido e pouco problematizado pelas esquerdas brasileiras ao longo dos anos 1990 e 2000, embora existam estudos que nos ajudam a compreender esse processo, como o caso de Michael Apple e seus estudos sobre um projeto de educação nos Estados Unidos que visa reproduzir uma visão de mundo para o mercado, baseada em ideais religiosos que reproduzem todas as formas de desigualdades do capitalismo. O autor não apenas constata isso, como mostra as suas implicações e formas organizativas que seriam espalhadas para o “mundo ocidental”.¹³

O problema da cultura e da formação moral como eixo de um projeto social parece ter lugar central a ser analisado neste momento crucial da história brasileira. Fazer isso nos coloca o tamanho dos desafios que estão colocados hoje: avanços no campo de comportamentos paralelos ao avanço do anticomunismo ampliado, uma forma mais problematizadora do que tem sido chamado de “guerra cultural”. A questão em disputa é quem chega à ideologia da classe trabalhadora? O marxismo tem uma dispersa mas significativa contribuição nesse campo, sendo a síntese da visão de Antonio Gramsci em *Americanismo e Fordismo* um caminho fértil: a reestruturação produtiva vem associada inextricavelmente na transformação no campo da formação moral da classe trabalhadora. Justamente em um momento de crise e de avanço do fascismo como ele viveu foi capaz de apontar no seio do próprio capitalismo uma possibilidade de desenvolvimento intelectual da classe. Mas não seria essa a leitura que se faz pela via da tese da “guerra cultural”.

A hipótese da “guerra cultural”

A expressão “Guerra cultural” é, no debate atual realizado via Internet, uma expressão de ataque de grupos de direita contra distintas visões de mundo que passam a atacar de “marxistas”, e portanto, inapropriadas. Teixeira Coelho permite historiar esse termo nas leituras da Escola de Frankfurt. Nos interessa aqui discutir a forma como “guerra cultural” apareceu no debate de internet. David Darts, da New York University publicou sobre a arte no contexto da Guerra Cultural, explicitando como diversos fenômenos de perseguição a professores de arte sintetizam essa cruzada processada no seu país. O tema remete diretamente à liberdade de expressão, ou, mais propriamente, à imposição da ausência dessa liberdade pelos motivos mais diversos.

¹³ APPLE, Michael W. *Educando à direita: mercados, padrões, Deus e desigualdade*. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2003.

A censura vem por motivos diversos, pode vir contra os professores de forma mais genérica, até relacionado à sua vida fora do universo da sala de aula. O autor noticia uma série de censuras contra artistas, sejam cantores, artistas plásticos ou mesmo professores de artes, alertando que se trata de uma ideologia que se alastra virtualmente por todas as facetas da sociedade contemporânea estadunidense. Trata-se de batalhas de oposição de valores morais e sistemas de crenças, elementos fundamentais. São contínuas as lutas para definir e controlar a sociedade estadunidense¹⁴.

Algumas das questões desses embates são: aborto, separação da igreja e Estado, censura, homossexualidade e financiamento das artes. Ou seja, questões morais somadas a meios de sua disseminação, supostamente. É como se houvesse disputas entre dois grupos, os ortodoxos e os progressistas. Diz o autor que se tratava de uma disputa pela “alma da nação”, citando um político conservador que pautava essa questão em muitos meios de comunicação, Patrick Buchanan. Não por acaso, ele foi o Diretor de Comunicação da Casa Branca durante o governo Ronald Reagan. Seu objetivo é recuperar a “velha direita”.

A família Buchanan não é desconhecida no Brasil. James Buchanan, prêmio Nobel de Economia de 1986 é uma referência para o pensamento liberal. Ele foi o nome das páginas amarelas de Veja de 14/4/1993, aproveitando sua passagem no Brasil para participar do Fórum da Liberdade, reconhecida instituição organizativa liberal. A entrevista recebe título sugestivo: “Democracia tem limite”, e ele é apresentado como alguém que “critica o estado benfeitor”, um “sólido conservador”, que “*acha que o governo atrapalha e que a chamada ‘ordem do mercado’ entregue aos seus mecanismos de auto-regulação, é o caminho mais curto para a prosperidade*”.¹⁵ Há uma interrelação entre os temas, os sujeitos e os veículos de divulgação. Essa concepção de guerra cultural está vinculada a uma concepção de governo e, via de regra, desprezando a democracia. Enfatizamos que a revista Veja está retroalimentando um liberal que faz parte da teoria da guerra cultural nos Estados Unidos. Liberal este que estava participando de um evento organizativo do pensamento de direita, um de seus *think tanks* no Brasil.¹⁶

Do ponto de vista mais específico dos elementos da propalada “guerra”, chamam atenção dois elementos. O primeiro deles é o argumento de que os jovens seriam incapazes de distinguir realidade e fantasia: “*em outras palavras, acreditam que cidadãos seriam incapazes de discernir entre a verdade e as “más versões” da verdade, e isto poderia levar-lhes a agir insensatamente e também perigosamente*”.¹⁷ O segundo elemento não é nenhuma novidade, seria que as mídias influenciam no comportamento, incluindo-se a violência e sua legitimação. Seja os filmes de

¹⁴ DARTS, David. The Art of Culture War: (Un)Popular Culture, Freedom of Expression, and Art Education. Studies in Art Education. A Journal of Issues and Research. 2008, 49 (2), 103-121. Tradução livre. p. 104.

¹⁵ Idem, p. 7.

¹⁶ Para entender a forma de organização dos *think tanks* no Brasil, ver: CASIMIRO, Flavio H. C. A Nova Direita no Brasil: Aparelhos de Ação Política Ideológica e a utilização das estratégias de dominação burguesa (1980 – 2014). Tese do Doutorado em História. Niterói: UFF, 2016.

¹⁷ DARTS, op. cit., p. 107.

gangsters, as histórias em quadrinho ou o *rock and roll*. Ou seja, é uma falácia cometida pelos defensores da teoria da guerra cultural situar no momento atual, o *rap* e o *hip hop* como responsáveis por pautar a violência, como se isso não viesse sendo feito desde sempre pela indústria cultural. É como se fossem esses movimentos que inaugurassem, de repente, um clima de violência nocivo à juventude. Da mesma forma, é falácia atribuir aos jovens a incapacidade de discernimento, já que essa tática tem sido usada há décadas pela indústria cultural como forma de manipulação. O estudo de Teixeira Coelho mostra que a Escola de Frankfurt tratou desse problema.¹⁸

O termo, portanto, não surge nos anos 1980, embora tenha recebido ali uma nova significação. Joan DeJean mostra que “guerras culturais” foram sistematicamente expressões de lutas entre “modernos e atrasados”, situando isso no final do século XIX!¹⁹ Outro autor que nos ajuda a compreender esse evento das chamadas “guerras culturais” é Michael Apple. Caracterizando o avanço da direita pelo caminho da educação e mais propriamente seu vínculo com o pensamento retrógrado de origem religiosa. Traduzido e publicado em 2003 no Brasil, seu livro mostra que o problema vem de longe, não surgiu agora nos anos 2010 como uma leitura apressada pode fazer crer. A direita vem se organizando e avançando há muito mais tempo em nível mundial. Ter ganho uma batalha da hegemonia burguesa parece ter levado a seu avanço para impedir qualquer projeto civilizacional que lembre de outras alternativas.

O (mal) dito “marxismo cultural”

A outra cantilena dessa “nova direita” é o termo “marxismo cultural”, indicado como responsável pela prática de posições “politicamente corretas”. Este termo faz uma apropriação indevida de Marx, Lukacs e de Antonio Gramsci. Este último foi a grande descoberta da direita dos últimos anos, buscando sintetizar nele tudo o que haveria de ameaça no marxismo, como se Gramsci ensinasse aos marxistas e estes aos seus alunos em suas aulas como ser comunista por osmose. É como se o uso de algumas expressões por um intelectual qualquer transmitisse, como se de um vírus se tratasse, a “doença do marxismo”, retomando uma lógica de um secular anticomunismo.

É preciso que se diga que não é novidade que intelectuais se coloquem esse problema e o combatam por meio de seus escritos. Em 1994 o filósofo brasileiro Rothschild publicou uma obra chamada “revolução cultural” [sic]: manifesto contra o marxismo na educação²⁰. Ali aparece a preocupação central com a educação e a tese de que esta estaria “tomada pelo marxismo”, lembrando alguns dos elementos que viriam a ser reafirmados nos dias atuais. Segundo o autor, o problema da educação passaria por: a) a liberação sexual como reforço ideológico”; b) “a ilusão do proletariado”, ou seja, o fato de que algo deveria haver de verdadeiro no discurso

¹⁸ COELHO, op. cit.

¹⁹ DeJEAN, Joan. *Antigos contra modernos*. As Guerras culturais e a construção de um fim de século. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

²⁰ ROTHSCHILD. *Revolução cultural*. Manifesto contra o marxismo na educação. São Paulo: CEMEAI, 1994.

comunista que levasse à atração da classe trabalhadora, exatamente a mesma lógica que encontramos no anticomunista dos anos 1930: a “ilusão comunista”²¹.

Na década de 1940 o integralismo produziu um folheto com o título “o que todos os brasileiros têm a perder com o comunismo”. Algo ele tem a nos dizer sobre o processo que eles diagnosticavam sobre a hegemonia política do comunismo, e as formas de diálogo com a classe trabalhadora:

Dizer pura e simplesmente, que o comunismo é uma aberração política e moral, que é a escravização do indivíduo, que é uma DITADURA, com todos os erros e horrores próprios dos regimes totalitários - pouco adiantará para aqueles que já estão se habituando a ler e ouvir essas frases. O que é necessário fazer, e urgentemente, é explicar em termos bem fáceis ao povo, POR QUE o comunismo é escravidão, POR QUE o comunismo na prática é um verdadeiro fracasso na solução dos problemas do povo, POR QUE o comunismo atenta contra a LIBERDADE do indivíduo, contra a RELIGIÃO, contra a própria PATRIA.²²

Quer dizer, o anticomunismo é um processo secular, e que tem levado a uma posição de diferentes organizações de direita ao longo do século XX. Sistemáticamente há uma disputa em torno da fala que define o que é o comunismo, o que é o inimigo. Leiamos a mesma pensando que no caso de um contra discurso, não basta no discurso à classe trabalhadora dizer “o que é o fascismo”, e sim o por que ele não serve à classe trabalhadora. Ademais, o texto segue em uma linha prática (a solução dos problemas do povo), alinhada a uma posição moral: a religião e a pátria.

Desde os anos 1980 vem se rearticulando um pensamento que não se nomeia anticomunista, mas que ataca frontalmente o marxismo. Esse ataque, nos anos recentes assume a cara de uma “guerra cultural” e “marxismo cultural”. São formas recorrentes, repetidas ao infinito sempre que um militante de direita quer rebater qualquer ideia de esquerda, sobretudo nas redes sociais como Facebook e Whatsapp. Quando buscamos uma definição nas próprias mídias de direita, um texto muito citado sobre o “marxismo cultural” tem duas páginas e se chama justamente “o que é Marxismo Cultural?”²³ Basicamente seria um marxismo Ocidental, que se oporia ao marxismo-leninismo soviético. Ele promoveria uma “correção política” no marxismo através da tese do “multiculturalismo”. Seria uma tentativa de alguns autores de esconder o marxismo de suas proposições, e os principais difusores seriam Antônio Gramsci e Georges Lukacs. Contra este pesaria o fato de uma de suas primeiras ações

²¹ SILVA, Carla. *Onda vermelha: imaginários anticomunistas brasileiros*. Porto Alegre, PUCRS, 2000.

²² O que os brasileiros tem a perder com o comunismo. Porto Alegre. Editora Tabajara, 1947 [?], Coleção Documentos. Ano I, N. 7-8, p. 5. Para ver o contexto mais amplo da produção anticomunista integralista, ver: CALIL, Gilberto. *O integralismo no pós-Guerra*. Porto Alegre, Edipucrs, 2001.

²³ LIND, William. What is Cultural Marxism. Disponível em <http://www.marylandthursdaymeeting.com/Archives/SpecialWebDocuments/Cultural.Marxism.htm>. Consultado em 18/10/2017. Tradução livre.

no Comissariado húngaro do socialista Bela Kun teria sido “introduzir a educação sexual nas escolas públicas”. Ou seja, um problema bastante atual para a direita que prega termos como “ideologia de gênero” para convencer de seu conservadorismo.

Outro centro produtor desse “marxismo cultural” seria a Escola de Frankfurt, que teria aprofundado os objetivos lançados por Gramsci e Lukacs, segundo Lind: destruir a “cultura ocidental” e também o cristianismo. Segundo o texto, a Teoria Crítica seria um libelo contra a civilização ocidental e pregaria que “*a cultura ocidental é preconceituosa, racista, sexista, fascista e também mentalmente doente*”. Ressalta-se aqui que o texto não apresenta as fontes dessas conclusões, não desenvolve o argumento por estudos ou qualquer demonstração. Além disso, acrescenta que a Escola de Frankfurt seria perniciosa por ter cruzado nas leituras de Marx o pensamento de Freud, o que seria justificativa para “normalizar a homossexualidade”. E ainda cita Herbert Marcuse, já que ele fora responsável por uma teoria sobre sexualidade sem repressão. Por fim, conclui-se alegando que esses teóricos proporiam o fim da “sociedade ocidental”. Essa tese é no mínimo estranha, pois seus defensores de tudo fazem para acabar com valores da cultura ocidental, ou talvez estejam apenas querendo reposicionar uma interpretação cristianizada transformada em “verdade universal”.

Não nos basta desqualificar essas posições por serem absurdas, é preciso entendê-las. Nesse sentido, vale nos reportarmos a um texto que refuta ponto a ponto as teses de Lind, que é considerado uma peça de apontamentos teóricos para os militantes de direita e conservadores e que a partir de leituras como esta reproduzem palavras de ordem como “feminazi”, “agenda gay”, “politicamente correto” e “coletivos”.²⁴ O uso indiscriminado destes termos é uma espécie de arma de defesa. Perguntados sobre o que significa o “marxismo cultural”, não sabem responder, são evasivos e se convencem que isso pouco importa, que afinal, eles conhecem alguém capaz de dar essa resposta. Comportamento típico do ser massificado que eles tanto dizem combater. E aqueles que criticam seu uso apontam que o “chororô” dos “politicamente corretos” tornou a vida pública (leia-se internet) chata e sem graça por denunciarem piadas homofóbicas, machistas e racistas.

A Guerra Cultural na luta de classes concreta

O termo Guerra Cultural foi problematizado por Pablo Ortelado em artigo publicado no *Le Monde Diplomatique* brasileiro em 2014, contexto em que os conflitos de rua voltavam a ser pauta política. Naquele momento o autor dizia que:

Estamos vendo no Brasil e em outros países uma expansão mundial das guerras culturais que tomaram os Estados Unidos a partir do final dos anos 1980. A antiga polarização entre uma direita liberal que defendia a meritocracia baseada na livre iniciativa e uma esquerda que defendia intervenções políticas para promover a justiça social passa a ser não substituída, mas crescentemente subordinada a um novo antagonismo

²⁴ Debunking William S. Lind & “Cultural Marxism. By The Red Phoenix, 26 de agosto de 2011. Disponível em: <https://theredphoenixapl.org/2011/08/26/debunking-william-s-lind-cultural-marxism/#comment-208136>. Consultado em 18/10/2017. Tradução livre.

entre, de um lado, um conservadorismo punitivo e, de outro, um progressismo compreensivo.²⁵

O autor constata um “*cenário de profundo antagonismo moral e de classe*”, e certamente seus estudos posteriores tem ajudado a esclarecer a natureza e complexidade desse problema.²⁶ Mas há que atentar para o fato de que se trata de criar condições para disseminar ideias liberais que já existem há mais tempo, e que passam a ser disseminadas de forma ampla, como a tese da “meritocracia”, ou a “livre iniciativa”. É um passo a mais na disputa de hegemonia capitalista.

A tese de doutorado de Marco Souza pautou especificamente o tema da Guerra Cultural.²⁷ O autor questiona que de fato tenha havido uma guerra cultural, tentando mostrar “*como esses movimentos, principalmente com um enfoque naqueles com caráter conservador religioso, conseguiram fazer a sociedade acreditar que existia uma Guerra Cultural no país.*”²⁸ Um dos elementos para compreender isso é que “*as batalhas em torno de temas culturais (que foram, anos depois, renomeadas como uma Guerra Cultural) estiveram presentes em toda a história estadunidense, principalmente, dentro da oposição entre conservadores e liberais*”²⁹. O autor chama atenção para um dado muito importante, e no mais das vezes ignorado no Brasil, o fato de que nos Estados Unidos há uma forte tese de uma sociedade polarizada, distinta do que ocorre no Brasil:

A história dos Estados Unidos nos foi contada como a história da polarização. Foi construída a partir de heróis e vilões, de indicações de conspirações comunistas, secularistas e liberais, ou ainda, através de vislumbres de presidentes que apontaram a formação de eixos e impérios do mal. Mais do que isso, ela foi contada por uma série de intelectuais e ativistas, americanos e de outros lugares do mundo, que em sua preocupação de compreendê-la enxergaram mais as diferenças entre os grupos radicalizados do que o desinteresse generalizado da população, o que levou a teses que defendiam uma possível tentativa de instalação de uma Teocracia no país ou que temiam o crescimento da centralização do governo federal e consequente restrição à venerada liberdade presente no país.³⁰

A partir daí nos parece que usar esse conceito no Brasil necessariamente nos colocaria dificuldades, já que até o presente a sociologia se esforçou para construir uma visão de um país pacífico, harmônico e cordial. Ademais, a existência do

²⁵ ORTELLADO, Pablo. Guerras culturais no Brasil. *Le Monde Diplomatique Brasil*. N. 89, dez. 1, 2014.

²⁶ Especialmente através do Monitor do Debate político no Meio Digital

²⁷ SOUZA, M. *O fim da Guerra Cultural e o conservadorismo estadunidense?* Uma leitura sobre a trajetória de ascensões e quedas da direita religiosa americana. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Unesp, Araraquara, 2014.

²⁸ Idem, p. 14.

²⁹ Idem, p. 15.

³⁰ Idem, p. 17.

marxismo e a problematização dos conflitos eram negadas como relevantes na produção do conhecimento acadêmico. Os anos 1990 levaram ao escraço em muitos espaços acadêmicos da contribuição do marxismo, acusando-o de ultrapassado na teoria e no método³¹. Como, de repente, ele se tornou tão nocivo? Apenas o contexto de avanço, de ataque dessa visão de mundo de direita nos permite entender esse processo.

Da mesma forma, nos EUA, os difusores desse conceito concluem que durante o governo Barack Obama a guerra teria terminado, já que ela seria um instrumento forjado pelos Republicanos. Este seria mais um motivo para questionarmos a acuidade de um termo que, usado no contexto da política estadunidense, pouco diz sobre os problemas brasileiros. Mas, há um elemento importante a ser acrescentado, que é o momento de avanço de políticas públicas voltadas a questões de direitos humanos que, na leitura conservadora, serão entendidos como problemas de ataque moral. No caso dos Estados Unidos se tratava das

reformas na Equal Rights Amendment (ERA), as legislações pró-aborto, as discussões sobre a definição de família e o encontro sobre o tema ocorrido na Casa Branca sob a administração Carter, a inserção da educação sexual nas escolas, o crescimento de um país cada vez mais multicultural e a inserção das novas culturas na sociedade.³²

Ou seja, a existência de políticas que busquem de fato alterar o campo dos direitos humanos é o pano de fundo concreto para que esse discurso se coloque. A escolha pelos movimentos conservadores do uso do termo Guerra Cultural pode servir justamente para aumentar o tamanho do campo em disputa e igualar a força daqueles que estão em embate: no Brasil, “progressistas” produzem leis como o Plano Nacional de Direitos Humanos em 2009 que, mesmo atacado por “conservadores” não foi destruído naquele momento. Mas, aumentando discursivamente sua força, ao longo dos anos 2010 cresce o ataque efetivo aos direitos conquistados. Ressalte-se que no momento da aprovação do PNDH o principal sujeito político que se colocou contra ele foram as Forças Armadas, já que acusaram o plano de atacar a lei da Anistia de 1979. Lembremos o embate ao qual foi submetido o então ministro da justiça Tarso Genro. Cabe citar o articulista Reinaldo Azevedo, que bradou no seu blog: “*O SUPOSTO DECRETO DOS DIREITOS HUMANOS PREGA UM GOLPE NA JUSTIÇA E EXTINGUE A PROPRIEDADE PRIVADA NO CAMPO E NAS CIDADES. ESTÁ NO TEXTO. BASTA LER!!!!*” Nas suas palavras

Refiro-me àquela estroenga chamada Programa Nacional dos Direitos Humanos (o nome é pura “novolíngua” orwelliana), consubstanciado no decreto nº 7.037, de 21 de dezembro de 2009. É aquela peça tramada por Dilma Rousseff, Franklin Martins, Paulo Vannuchi e Tarso Genro, sob as

³¹ Se ficarmos apenas no campo da História veremos que o Grupo de Trabalho História e Marxismo da Anpuh é uma exceção. Ao longo da última década o GT tem reunido centenas de pesquisas sob os mais diversos aspectos da sociedade realizadas à luz do marxismo.

³² Idem, p. 28.

bênçãos de Lula, que tenta revogar a Lei da Anistia e que gerou uma crise militar.³³

Ou seja, o problema estava colocado: o ataque ao “direito” das Forças Armadas permanecerem impunes foi o que, naquele momento, mais incomodou, ao lado da defesa incontestada da propriedade privada, embora o PNDH também tratasse de questões polêmicas como LGBTQ e questões raciais. Claro está que aumenta também a base concreta de apoio a essas ideias conservadoras, mas isso precisa levar em conta o contexto das lutas sociais. Essas forças se reorganizariam e ganhariam força nos anos seguintes, e parece que o uso de uma tese pronta colocando o grande problema no “lulopetismo-petralha” viria muito a calhar.

Marco Souza mostra também que não é novidade que em momentos de conflitos o termo Guerras Culturais tenha sido usado por lideranças políticas, de Bismarck à “batalha dos livros” na França do século XVII. O que sucedeu de especial nos Estados Unidos foi a publicação do livro de James Hunter, que lança mão da ideia de Guerra Cultural, sendo prontamente reverberado pela direita conservadora para reiterar a tese da sociedade dividida e polarizada. Essa tese da divisão nos lembra momentos históricos de explosão de conflitos de classe, como a Guerra Civil espanhola e a ideia de “uma Espanha dividida”. Mas nos lembra também uma capa da Veja de 1989 na iminência da possibilidade de vitória de um candidato que naquele então representava forças de esquerda: “LULA e o capitalismo. As mudanças que o PT prometem dividem o Brasil”.³⁴ A frase é ambígua, como muitas vezes são as expressões ideológicas. Naquele momento não se podia admitir que um candidato expressava uma divisão, a divisão de classes, que existia no país. Seria o seu discurso e sua proposta que levaria à divisão do país, promovida de forma artificial, já que o Brasil seria harmônico e naturalmente capitalista.

Marxismo e a “ideia de cultura”

A tese da “Guerra Cultural” deriva da apropriação de um conceito que foi recentemente utilizado pela direita conservadora nos Estados Unidos. Foi trazido para o debate na realidade brasileira que passou a “politizar” a Internet. Essa questão parece passar por uma tentativa desesperada de criar consensos que se expandiriam às camadas médias e às classes trabalhadoras, se possível. Especialmente porque permite esconder um contexto de lutas de classes presente no país desde pelo menos a redemocratização de 1989. Que parte importante da esquerda tenha abandonado a luta de classes como conceito e prática é verdadeiro. Mas não pode nos levar a deixar de ver que os conflitos sociais não nasceram em 2013 ou 2014, quando a tese da “Guerra Cultural” volta à tona.

Ainda se faz necessário um estudo que recupere os caminhos atravessados pelos quais uma produção culturalista busca uma leitura enviesada de Gramsci e sua concepção de hegemonia que acaba tendo pontos de contato com a tese da Guerra

³³ Blog de Reinaldo Azevedo. 7/1/2010. <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/o-suposto-decreto-dos-direitos-humanos-prega-um-golpe-na-justica-e-extingue-a-propriedade-privada-no-campo-e-nas-cidades-esta-no-texto-basta-ler/> Acessado em 20/10/2017

³⁴ Revista Veja. Capa. 29/11/1989.

Cultural. Mas por enquanto nos ajuda ter mais clareza do ponto de vista da produção da direita das formas e conteúdos de um discurso que tem sido eficaz para ganhar adeptos contra o antigo e velho inimigo. Mesmo sob a lógica de que “o comunismo morreu”, vivemos um processo de apagamento de qualquer possibilidade de que o espectro ainda persista, e por isso, aumenta-lo e vê-lo em todos os locais tem sido a prática preferida dos anticomunistas desde o início do século XX, mesmo sem nomear o comunismo em si.

Na vasta obra de Terry Eagleton traduzida no Brasil, o autor coloca o problema como sendo um “conflito global”, ou seja, uma questão de “política real, não apenas de políticas acadêmicas”³⁵. Pode ser uma forma de “expulsar a política”³⁶, na lógica pós-moderna. Dai decorre que *“nossas guerras culturais dão-se em pelo menos três frentes: entre cultura como civilidade, cultura como identidade e cultura como algo comercial ou pós-moderna. Poder-se-ia definir esses tipos mais concisamente como excelência, ethos e economia”*³⁷. A separação das lutas em torno de questões fragmentadas (“identitárias”) poderia igualar grupos cuja pauta é progressista com grupos fascistas, na medida em que *“ambos definem cultura como identidade coletiva em vez de crítica, como um modo de vida distinto em vez de uma forma de valor relevante para qualquer modo de vida que seja”*.³⁸ Talvez isso ajude a problematizar a aceitação por grupos progressistas da tese da “guerra cultural”.

A hipótese que Gramsci parece propor nos seus estudos de cultura é que a filosofia da práxis seria capaz de promover uma “reforma popular moderna”³⁹. Ele vislumbra o Renascimento como um movimento cultural de elite, enquanto que a Reforma protestante efetivamente alcança penetrar no povo, mas para isso retrocede, pois o “luteranismo é estéril enquanto filosofia”. A filosofia da práxis *“é o coroamento de todo este movimento de reforma intelectual e moral, dialetizado no contraste entre cultura popular e alta cultura. Corresponde ao nexos Reforma Protestante + Revolução Francesa: é uma filosofia que é também uma política e uma política que é também filosofia”*. Será no conceito de Hegemonia que ele seguirá essa leitura, mas estudando o caso histórico do Risorgimento italiano. Bem diferente das leituras reducionistas que o transformariam em “teórico da cultura”, pois para ele, a cultura é sempre uma ideologia, e portanto, sempre vinculada a relações sociais concretas, um “modo de vida total”⁴⁰. Não por acaso, os teóricos do “marxismo cultural” acusam Gramsci de “deturpar mentes”, reduzindo sua complexa concepção de Hegemonia a puro e simples domínio, retirando o caráter das relações sociais de produção: americanismo como corolário indissociável do fordismo.

Os projetos sociais concretos estão em luta, embora a tese que busca se impor ao senso comum diz que o “inimigo está morto”, mesmo sendo necessário sempre

³⁵ EAGLETON, T. Op. Cit.

³⁶ Idem, p. 95.

³⁷ Idem, p. 96.

³⁸ Idem, p. 97.

³⁹ GRAMSCI, Antonio. Caderno 16. In: *Cadernos do Cárcere*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, vl. 4, p. 37.

⁴⁰ EAGLETON, p. 96.

voltar a matá-lo simbolicamente⁴¹. O momento de embate ideológico que estamos hoje vivendo não é de todo diferente do que foi vivenciado nos anos 1980. Ao evitar-se falar em conflitos ideológicos, enuncia-se a tese da “guerra cultural”. De fato, temos o crescimento de possibilidades de ampliação do discurso de direita. Mas isso não é por si só um processo dado, já que esse discurso passa a encontrar a contradição na realidade das relações de trabalho e na perda de direitos às quais são submetidas parcelas cada vez maiores de trabalhadores. É nesses momentos que a serpente do fascismo se torna necessária para a direita como sedutora para a classe trabalhadora, já que “*a liberdade do indivíduo não constitui um dom da civilização*”⁴², faz-se mais que necessário entender a clivagem entre sua “*situação econômica e ideológica*”.⁴³

Artigo recebido em 12.3.2018

Aprovado em 19.5.2018

⁴¹ SILVA, Carla. A queda do muro e a morte do comunismo em Veja. *História e Luta de Classes*, n. 9, jun. 2010.

⁴² FREUD, Sigmund. *O mal-estar da civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 2002. P. 49.

⁴³ REICH, Wilhelm. *Psicologia de massas do fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 1988, p. 45.